

PORQUE NÃO ENTENDEIS A MINHA LINGUAGEM?

A julgar por esta pergunta que lhes fez Jesus no decorrer de uma daquelas discussões que surgiam de vez em quando, parece que os fariseus também tinham muito vivo o problema da incomunicação. Eles, pelos vistos, do mesmo modo que o mundo de hoje, também não entendiam a Jesus.

Creio que a incomunicação é outro dos temas que estão à flor da pele. Os jovens – particularmente os mais tocados de intelectualismo – apelam para este vocábulo afim de salientarem que nem entendem os pais nem os pais os entendem a eles; que nem entendem a geração dos mais velhos, nem esta em contrapartida os entende. Há incomunicação, enfim. Também ela existe entre a Igreja e o mundo de hoje, se vale a pena tomar a sério um sector muito ruidoso (sobretudo pela amplitude que a imprensa dá às suas vozes) de ensaístas de temas religiosos.

A esta espécie de incomunicação, queria referir-me agora porque creio que é também outro dos anzóis que nos apresenta o nosso tempo. Creio mesmo que terá sido este um dos factores que mais contribuiu para a confusão de ideias relativas à doutrina da fé que parece ser hoje uma das características dos jovens.., e dos adultos, também. Claro que não foi coisa que tenha ocorrido aos jovens, antes me parece que lhes foi transmitida pelos actuais educadores os quais, por sua vez, a tinham suficientemente absorvida e até assimilada, para assim a crerem de tal modo.

Suponho que cheias de boa vontade por esse mundo paganizado que vive de costas para Deus, mas que, não obstante, faz tão maravilhosas descobertas científicas e técnicas; cheias também de compaixão por esses homens para quem a única linguagem inteligível é a que fala o mundo maduro de hoje, há muitas vezes que, de dentro da Igreja, propõem meios e remédios para que cesse esta incomunicação entre a Igreja e o mundo. Os homens percorreram um longo caminho desde os tempos de Trento. Avanços da ciência e da técnica, novas filosofias, profundas mudanças na mentalidade, novos problemas, novas formulações, modos de vida diferentes. A Igreja – dizem – deve tomar consciência desta evolução e evoluir ela também. Menciona-se a “insuficiência do pensamento cristão” em relação com a problemática actual; fala-se de uma ‘linguagem arcaica’ para referir-se à que a Igreja utilizou para expor a doutrina da salvação. Faz-se urgente “a interpretação que o presente histórico exige à Igreja no seu conjunto e a cada um dos seus membros em particular” – nesses ensaios que por aí abundam.

O tom geral típico desta espécie de literatura religiosa não é uniforme, ainda que o seja o conteúdo. Por vezes soa com certa acritude, como acusando a Igreja de ter estado fazendo mal durante bastante tempo, de modo que vai sendo hora de despertar e pôr-se ao dia para se fazer entender. Outras vezes é um tom ligeiramente dorido, ainda que reflexivo, como dando conselhos com uma paciência infinita, porque a Igreja é velha e um pouco anquilosada e lhe custa muito mudar de posição. Outras surge brioso, entusiasta e triunfalista; é o que costumam usar alguns cronistas religiosos dos jornais quando comprovam a ‘renovação’ da Igreja, e de como os espíritos mais lúcidos e inseridos na sua própria época constituem uma vanguarda que, como ponta de lança, iniciou a ruptura de um tecido secular de marasmo e começaram a pô-lo em relação com o mundo.

Bem; não serei eu a dizer que para tudo isso não se deu qualquer motivo, embora, para ser inteiramente sincero, deva acrescentar que não devemos assacar à Igreja o que é defeito dos católicos, ainda que sejam eclesiásticos. Precisamente a confusão vem de que, infelizmente, houve uma linguagem que poderíamos designar *eclesiástica* ou, com menos delicadeza, *clerical* que não era a que falava a gente da rua. E não só uma linguagem; também um tom, umas fórmulas, uns modos e até uma mentalidade. Só que isto não era propriamente a Igreja que o fazia, mas numerosos eclesiásticos e os leigos que, por uma razão ou por outra, estavam muito influenciados neste ponto, e claro está que nem uns nem outros ligavam com o resto da gente. Por sua vez, a gente talvez pensasse que “isso” era o catolicismo, ou que, para serem homens realmente católicos era preciso ser assim e falar assim, e a verdade é que isto não lhes agradava, e até se sentiam incapazes de um esforço tão a contra vontade.

Ora bem; duvido muito que seja isto o que se pretende corrigir. E duvido também de que a nova linguagem ensaística seja a mais apropriada para converter o mundo a Deus, entre outras razões porque não é uma linguagem mais clara, mas mais obscura. Afirma-se (e transcrevo-o literalmente) que “junto com a notícia se propõe também a doutrina do kerigma”, e ainda que certamente seja um pensamento consolador para o fiel povo cristão, não vejo que seja facilmente inteligível para a maior parte dele. Diz-se-lhe que “dificuldade em defender a fé corresponde à sua infra-estrutura por parte do saber”, e ainda que nesta frase a comunicação alcance um elevado cume, não acabo de me convencer de que seja um modo de dizer o que se quer, a não ser, claro está, que se esteja a falar para um pequeno círculo de iniciados em filosofia e teologia, e inclusive na terminologia do pensamento marxista.

(Federico Soarez)